

As amízaes heteróclitas de Nestor Vítor (Cruz e Sousa e Lima Barreto)¹

César Braga-Pinto

Muito menos lembrada do que a da tríade constituída por Araripe Junior (1848-1911), José Veríssimo (1857-1916) e Sílvio Romero (1851-1914), que lhe é quase contemporânea, a obra crítica de Nestor Vítor (1868-1932) sintetiza algumas das principais preocupações que percorrem grande parte do pensamento do século XX no Brasil. Dentre elas, destacam-se as tensões entre nacionalismo e cosmopolitismo, em que, por um lado, estão em jogo o desejo de assimilação das diferenças e, por outro, a necessidade de resistência às ameaças de invasão ou corrupção, seja pelo elemento estrangeiro externo (e hegemônico), seja pelo interno (e subalterno). O germe desse debate manifesta-se na obra de Nestor frequentemente de forma paradoxal, mas, mesmo assim, com rara e extraordinária lucidez e equilíbrio *vis-à-vis* à realidade local e o contexto internacional, e ainda sem as cristalizações conceituais e ideológicas que encontraremos nas gerações de escritores “modernistas” que o sucederam.

Ao se percorrermos os escritos críticos de Nestor Vítor, observa-se uma oscilação que não chega a encostar na afirmação cosmopolita irrestrita de um lado, nem no nacionalismo mais assimilacionista e deglutidor, de outro. Na verdade, em sua origem, a afirmação da identidade e do que ele chamará de vigor nacional, à parte de qualquer nacionalismo estreito, é entendida a partir de suas relações amistosas com o elemento regional ou racial que contribui para a constituição de uma nova cultura, desenvolvida a partir dos trópicos; uma cultura que se forma na luta para se alcançar originalidade e autonomia, sem que se desestabilize a medula de derivação europeia. Como se verá adiante, tal necessidade de se conciliar a herança latina com as histórias locais e com o intercâmbio racial acaba por criar impasses

¹ Agradeço a Carlos Minchillo, Hélio de Seixas Guimarães e Luiza Moreira, por suas leituras cuidadosas; a Margo Milleret, por me disponibilizar um texto raro e essencial para esse trabalho; e especialmente ao pessoal da biblioteca da Fundação Casa Rui Barbosa, onde se encontram alguns dos raros exemplares da obra de Nestor Vítor.

nem sempre de fácil resolução, mas, na melhor das hipóteses, revela algumas direções para se pensar a nação antes de qualquer nacionalismo ou também o cosmopolitismo para além do eurocentrismo. Posicionado em um momento de transição entre o universalismo da virada do século e o nacionalismo de cunho modernista, a obra de Nestor Vítor reconhece ainda a constituição heterogênea das nações americanas, mesmo quando a necessidade de afirmação nacional se torna imperativa. Como será visto, o que nem sempre fica claro é o espaço de convivência ocupado pelas diferenças na afirmação de tal autonomia.

O AMIGO E O NEGRO: CRUZ E SOUSA

Ainda no final do século XIX (em 1898), Nestor Vítor escreve uma crítica à recém-publicada obra *Os desplantados* (*Les deracinés*, 1897), primeiro volume da trilogia “Romance da energia nacional”, de seu contemporâneo francês Maurice Barrès (1862-1923). Lendo-a como um sintoma da decadência intelectual francesa, o escritor paranaense critica Barrès, sobretudo no que diz respeito ao seu exacerbado nacionalismo antigermânico, que ele interpreta como um possível prognóstico da “aproximação de indefinidos cataclismos, deslocamentos históricos que irão modificar profundamente a trajetória de toda uma civilização”; segundo ele, “o vigor de espírito de uma raça reconhece-se pela capacidade de resistência que nela exista a assimilar-se e dissolver-se em outra qualquer. Assim um povo; assim um indivíduo”.² Ao mesmo tempo, o crítico não deixa de aceitar que alguma dose de nacionalismo seja necessária em alguns casos, já que somente este garantirá a diversidade humana. Segundo ele, “[...] o cosmopolitismo é uma vitória sobre a barbárie, mas que, por outro lado, combater-se radicalmente o espírito nacionalista seria deficiência lastimável de capacidade intelectual”.³ E conclui: “As nacionalidades subsistirão vivazes, e com elas os múltiplos povos, as diferentes raças humanas. As lutas, as rivalidades, as emulações, portanto, serão igualmente mantidas, embora modificando-se na expressão”.⁴

Se por um lado Nestor Vítor vê o cosmopolitismo como uma força civilizatória ou modernizadora, ao mesmo tempo entende ser necessária alguma resis-

² VÍTOR, Nestor. *Os desplantados*, p. 65.

³ *Ibid.*, p. 69.

⁴ *Ibid.*, p. 77

tência à tendência cosmopolita homogeneizante, em favor da diversidade das nações, e mesmo das raças propriamente ditas. E defende que qualquer manifestação de xenofobia e racismo é um indício de fraqueza e decadência de uma civilização – mesmo considerando que a rivalidade e o conflito não sejam estranhos a projetos de amizade e desejo de convivência entre povos e indivíduos. Assim, o crítico julga que os personagens dos romances de Barrès temem a hegemonia do outro não somente porque são fracos, mas simplesmente porque são todos “antipáticos”: ou seja, porque lhes falta a capacidade do que ele chama de simpatia ou amor pelo outro.⁵ Pois Nestor Vítor preza acima de tudo o intercâmbio, desde que cada uma das partes não perca sua singularidade e sua perspectiva individual em relação à verdade universal do ser humano. Assim, o ensaísta pode considerar com naturalidade ou como fatalidade até mesmo a hipótese de a hegemonia alemã ou de qualquer outra nação vir a substituir a centralidade francesa na cena cultural e política europeia; no limite, chega a ensaiar um pensamento para além do humano, brincando em imaginar inclusive a perda da hegemonia (mas não das singularidades) do ser humano no planeta ou o desaparecimento do próprio planeta no universo, já que a natureza não parece precisar do domínio do homem.⁶ Sem qualquer angústia, o ensaísta celebra a influência, afirmando-a em tom marcadamente nietzscheano: “Mostrarmo-nos receosos de influências intelectuais estranhas é já de qualquer modo nos revelarmos influenciados, pior do que isso, vencidos, porque o superior não é aquele que evita assimilar o que não tem; é justamente quem o assimila sem perder o seu cunho individual”.⁷

Interessa-me menos reconhecer nesse momento a verdadeira catástrofe que o crítico parece prognosticar – ou seja, a Primeira Guerra Mundial – do que a opinião, combatida por ele, de que os desplantados (da província para o Quartier Latin ou das periferias em geral para os centros cosmopolitas) são os verdadeiros culpados pela “decerebração e dissociação francesa”, e de que a falta de

⁵ O conceito de simpatia define toda a aproximação crítica de Nestor Vítor. Ver: MASSAUD, Moisés. *A literatura brasileira*, v. 4: O simbolismo, p. 267: “Com efeito, Nestor Vítor faz crítica de simpatia, quer dizer, escreve impulsionado pelas variações do seu termômetro emocional e subconsciente”.

⁶ VÍTOR, Nestor. *Os desplantados*, p. 85.

⁷ *Ibid.*, p. 67.

raízes é necessariamente a causa da decadência da autonomia nacional. O equilíbrio e as tensões entre o universalismo e o que Nestor chama de “diferenciação” parecem se expressar aqui sem grandes receios por parte desse crítico, ainda quase nada preocupado com a defesa da nacionalidade propriamente dita. No entanto, ao considerar a perspectiva local, Nestor Vítor acaba por concluir, talvez retoricamente, e como se tentasse conter uma gargalhada, com uma questão que será central em toda a produção intelectual da “geração” que o sucederá, particularmente depois da Primeira Guerra Mundial: “Um francês ficar apreensivo com a hegemonia da raça germânica! E então como devemos de ficar nós outros, irrisórios negroides da América do Sul?”⁸

Assim, se Nestor Vítor parece a princípio afirmar serenamente o contato e o intercâmbio entre os povos, as raças e as nações, também não deixa de defender a necessidade da diferença e a riqueza da diversidade humana. Ao mesmo tempo, com essa ironia final o crítico de alguma forma denuncia uma angústia muito própria de um certo discurso sobre o Brasil moderno, então ainda muito incipiente, apesar de remanescente da preocupação nacionalista dos primeiros românticos. Pois o que há de singular em sua retórica não é simplesmente uma resposta confiante à ameaça de dominação estrangeira, uma risada atrevida em relação ao que chama de “teorias-espantalhos”, cujo objetivo seria plantar a xenofobia onde as raízes se mostram frouxas ou ameaçadas. Se por um lado Nestor Vítor resigna-se à inevitabilidade da influência, e não teme “emular” ou “acertar os ponteiros” com a modernidade europeia, por outro lado expressa o germe daquela preocupação pesarosa, mais tarde explicitada por Sérgio Buarque de Holanda, que é a preocupação com o problema das próprias “raízes”, em que o brasileiro só poderá ser imaginado como “desterrado na própria terra”.⁹ Há como que um resíduo decantado no escárnio daquele que ri dos que riem dele, na inquietação daquele “nós outros” que se apresenta fraturado, hiperdesplantado, simultaneamente

⁸ *Ibid.*, p. 85.

⁹ O trecho de *Raízes do Brasil* é conhecido: “A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra”.

ligado e isolado – apenas por uma vírgula – da heterogeneidade sul-americana, expressa pelo “irrisório” termo “negroide”. Ao denotar proximidade e distância, identidade e diferença, a palavra “derivada” constitui a promessa de uma raiz e, ao mesmo tempo, um desencanto com a possibilidade de uma nacionalidade (no limite europeizante) que se busca atingir ou reconhecer, mas que sempre insiste em se apresentar enquanto exílio e melancolia.

Pois não é o caso de se querer apressadamente ler, nesse deboche aos franceses – nesse riso irreverente, mas meio amargo – e na simulação ou apelo à imagem do negro, apenas uma abertura, sem qualquer ambivalência, à inclusão do africano na constituição das nacionalidades americanas ou mesmo como uma celebração do “nosso” caráter mestiço. Não se deve deixar enganar pela identificação desse “nós outros” com aquele “negroides”, à maneira de todo um discurso triunfante sobre a mestiçagem que naquele momento apenas começava a se delinear, e a partir do qual se possibilitará a exclusão do negro enquanto sujeito histórico, justamente quando se afirmará incluí-lo na nacionalidade, ou na alma, mais do que no corpo do luso-brasileiro. Assim, ao confundir dois conceitos distintos de “raça” – a “raça” germânica, por um lado, e a “raça” negra ou negroide de outro – e submetendo, no caso sul-americano, o nacional ao pseudobiológico, o que transparece nas palavras de Nestor Vítor é uma preocupação quase euclidiana com a ausência ou a debilidade do “tipo” brasileiro, comparável ao conflito vivido por aquele débil “patriota francês de cultura germânica” que, para ele, Barrès se revela. Entre a assimilação afirmativa e universalista, e o nacionalismo estratégico e de resistência, parece restar ainda um receio, alguma ameaça, mesmo que sutil, de contágio e corrupção, causados menos pelo acumamento provocado pelo agente de influência externa do que pelo trabalho silencioso de agentes quase invisíveis e internos ao discurso nacional.

De fato, faria pouco sentido querer tachar o discurso crítico de Nestor Vítor simplesmente de xenófobo ou racista. A trajetória literária, intelectual e biográfica do autor de *Paris* revela um caso único de cosmopolitismo humanista por um lado, e resistência ao materialismo e ao cientificismo racista por outro, revelando um raro desejo de convivência e até mesmo de justiça social – uma postura universalista, vale enfatizar, sempre direcionada por uma ideia de “sim-

patia” ligeiramente marcada por seu cristianismo pouco ortodoxo.¹⁰ Assim, em geral o homem negro para Nestor Vítor não é aquele do cientificismo racista vigente em sua época, nem aquele que, mais tarde, manifesta-se meramente como “contribuição” à formação do Brasil mestiço e católico, e que se revelará a partir dos engenhos arquitetados por Gilberto Freyre. Ao contrário do “negro” abstrato que desaparece na memória das relações ilegítimas da senzala, para Nestor Vítor o sujeito racializado manterá, sobretudo até antes da década de 1920, nome e sobrenome. E a relação entre o homem branco e o homem negro será singularizada na amizade pessoal, chegando a manifestar-se em termos de uma admiração mútua, sincera e profunda, como é o caso de seu convívio com Cruz e Sousa, transformado em literatura e narrado e decantado por ambos. Ainda naquele ano de 1898, por ocasião da morte de Cruz e Souza, Nestor Vítor dedicou-lhe mais de 200 versos emocionados e pungentes, exaltando que “mudem de cor os Yagos, que odiaste”, em favor deste seu estimado e marginalizado Othelo. Entre outros, vale lembrar os seguintes:

Antes chorem por ti esses seres obscuros,
Verdes grotas de Dor, que tua alma, anelada,
Amou, chorou, sondou em mergulhos seguros,
– Pobres, pobres da rua, ébrios tristes da estrada

[...]

Antes mudem de cor os Yagos, que odiaste,
Hoje que és um fantasma incorpóreo a segui-los!
No círculo de praga em que os asfixiaste
Como convulso e livre hás de agora zurzi-los!

[...]

Repousa, enfim, repousa, embalado no Afeto,
Que procuraste embalde encontrar sobre a Terra
Achaste teus irmãos, te abrigaste em teu teto
Depois da mais augusta e da mais santa guerra

¹⁰ Em 1888, Nestor Vítor participou da fundação da Confederação Abolicionista do Paraná comandada pelo major Sólton Ribeiro.

Mas eu irei falar-te ainda assim! Não vacilo,
Bem sabes, quando vou por amor caminhando.
Este soluço ainda hei de domar! Tranquilo
Hás de me ver sorrir, mesmo embora chorando!

[...]

Depois... cedo virá ensurdecer-me um grito...
Me hão de todo invadir uns extremos cansaços...
Nossas almas, então, “perdidas no infinito”,
Hão de trocar, pra sempre, “os imortais abraços”!

A amizade entre os dois escritores é uma daquelas frequentemente lembradas como “legendária e exemplar na história literária”.¹¹ Além dos versos acima citados, não são poucos os textos escritos por Nestor Vítor, antes e depois da morte do amigo, frequentemente em tom elegíaco, alguns deles responsáveis pela canonização do poeta simbolista nas letras brasileiras.¹² Por sua vez, o amigo poeta também lhe oferece escritos importantes em prosa e verso, como seu longo ensaio (em *Dispersos*) sobre *Signos* (o único livro de contos de Nestor Vítor); ou o poema “Canção negra”, em *Faróis*; e, o mais conhecido, “Pacto de almas” (1897, em *Últimos sonetos*), dedicado a Nestor Vítor, “por devotamento e admiração”, e composto de três sonetos: “Longe de tudo”, “Alma das almas” e “Para sempre”. É com este último, aliás, que aquele poema de Nestor Vítor, citado acima, dialoga. Nesse admirável intercâmbio pessoal e literário, nessa amizade legendária que por vezes parece transcender o corpo, mas que sempre deixa resíduos raciais e mesmo sexuais, o tom que se depreende é, finalmente, o do mais intenso êxtase.

Alma das almas, meu consolo amigo,
Seio celeste, sacrossanto abrigo,
Serena e constelada imensidade,

¹¹ MURICY, José Cândido de Andrade. *O símbolo*, p. 145.

¹² VÍTOR, Nestor. *Cruz e Sousa*; Texto escrito em março, publicado em 20 abr. 1898, um mês depois da morte do poeta. Ver também: VÍTOR, Nestor. *Cruz e Sousa*; VÍTOR, Nestor. O poeta negro; VÍTOR, Nestor. *Cruz e Sousa. Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 11 fev. 1928.

Entre os teus beijos de etereal carícia,
Sorrindo e soluçando de delícia,
Quando te abraçarei na Eternidade?!

(Cruz e Sousa, “Pacto das almas”)

Além disso, diante da morte do amigo, o desconsolo de Nestor Vítor parece ter sido tamanho que, conforme testemunha Andrade Muricy, o escritor paranaense se exila em Paris, entre 1901 e 1905, onde continua a escrever como correspondente dos jornais *O Paiz* e *Correio Paulistano*.¹³ É durante esta estadia na Europa [e depois de ter publicado seu único romance chamado *Amigos* (1901)]¹⁴ que, sem se distanciar completamente de seu cosmopolitismo europeizante, o escritor paranaense será levado a refletir mais explicitamente sobre diferenças culturais, raciais e de comportamento, manifestando como que seus primeiros sentimentos de identificação com algo do país natal que ainda não sabe exatamente definir. Assim, em seu relato de viagem *Paris – impressões de um brasileiro* (1911/1912), texto que durante um período parece ter adquirido certa notoriedade, mas que hoje está praticamente esquecido, Nestor Vítor contrasta a sociabilidade francesa com a brasileira, a partir de um vocabulário e um tom talvez herdados do romantismo, mas que também anunciam os termos que duas décadas mais tarde se tornariam centrais no debate sobre a nacionalidade brasileira, articulada sempre, e ambigualmente, na primeira pessoa do plural: “Nós somos mais simples nas nossas cerimônias, mas damos ao nosso trato expressão mais *cordial*. Nós falamos sorrindo e temos mel nas palavras, meiguice nos olhos quando queremos ser amáveis”.¹⁵ Já em outra coletânea de textos, também escritos no exílio, revela-se

¹³ Para dados biográficos de Nestor Vítor, ver sobretudo as obras de Andrade Muricy citadas na bibliografia.

¹⁴ O romance retrata a relação entre um grupo de amigos, entre eles um aleijado de 16 anos (Félix) e um surdo-mudo de 13 anos (Porcio), relação definida como um “pacto santo” entre “duas inutilidades reunidas”. Autor de *Signos* (1897), em que figura o conto “Sapo”. Para uma bom apanhado da obra em prosa de Nestor Vítor, ver: MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira*, v. 4: O simbolismo, p. 237-240, p. 247-250; segundo Massaud, Nestor Vítor teria também publicado uma novela, *Parasita*, em: *Feira Literária*, São Paulo, p. 35-138, nov. 1928.

¹⁵ Vera Lins toca nessa questão da nacionalidade incipiente no livro de viagens de Nestor Vítor: “Acho que se pode ver uma reflexão sobre o Brasil se desenhando nesses autores da virada do século, como Nestor Vítor, acusados de estarem olhando o

mais uma vez a complicada relação entre essa ainda vaga percepção da nacionalidade brasileira e aquela identidade com a população “negroide” a que se referira antes, constitutiva de um “nós” de maneira contígua, mas não integralmente. Quando por exemplo o viajante medita e compara “os nossos pretos e os pretos estrangeiros”, pergunta-se por que “nos causam estranheza os pretos que *nós outros* da América do Sul encontramos no estrangeiro, embora sejam eles perfeitamente *irmãos de raça* dos que conhecemos em nossa terra”.¹⁶ Nesse estranhamento revela-se como que um descompasso entre raça e nacionalidade, entre os que de um lado são entre si “irmãos de raça” e de outro os que são “nossos” conterrâneos, ou seja, “irmãos de pátria” – no limite, uma fissura presente nas raízes do sujeito nacional mestiço ou “negroide”. O “nós outros” se constitui sob o signo de uma tensão entre a alteridade do estrangeiro e a presunção de que o negro poderá ser diluído no discurso nacional. Para resolver tal tensão, o ensaísta imagina ou se lembra de traços diferenciadores que julga serem peculiarmente brasileiros, “estados de alma” que estariam impressos em todos aqueles que habitam o Brasil, independentemente da ascendência europeia ou africana. Mas o signo da propriedade privada e, logo, da escravidão, se denuncia no incontornável apelo à “nossa terra” e “nosso negro”:

Torna-se inteiramente flagrante nas mulheres. Encontramo-las em nossa terra muitas vezes inteiramente pretas, sem indício algum de cruzamento com branco, em cuja fisionomia, no entanto, há certo ar de uma das nossas senhoras de família, pela modéstia, bondade e honestidade que aquela feição respira. Assim, os nossos pretos já têm uma aparência psíquica conosco.

Nos negros de fora a feição torna-se ainda mais estrangeira, por conseguinte menos simpática aos nossos olhos do que a do povo em cujo seio eles se desenvolveram, de certo porque, além da diferença de alma que há entre este povo, que sobre eles influiu, e nós outros, existe ainda a feição selvagem que é peculiar à raça de que tais pretos procedem, feição de que entre nós nos habituamos a abstrair-nos, pela

tempo todo para Paris” (LINS, Vera. *Os sentidos da viagem*, p. 2).

¹⁶ VÍTOR, Nestor. *Folhas que ficam: emoções e pensamentos*, p. 53

influência dessa outra fisionomia que lhes demos e a que, de ordinário, nunca atentamos.¹⁷

A dupla estranheza ou a familiaridade fraturada expressa por Nestor Vitor nesse momento quase epifânico provém, por um lado, de sua dificuldade em situar o espaço a ser ocupado pelos negros no território e na cultura nacional e, por outro, em distinguir o que ele chama de “diferença de alma”, característica de cada um dos povos de ascendência europeia. Assim, abstraem-se as diferenças raciais, e os negros (de alma portuguesa) adquirem uma “parecença física” que dissimula, mas não apaga, a heterogeneidade racial de um território sempre dividido, em que se convive com um amigo ou irmão que é também um estranho ou estrangeiro, desplantado de outras terras, longínquas e inacessíveis àquele que anuncia um discurso, se não sobre a identidade, ao menos sobre a diferença nacional. Anteriormente assimilados à primeira pessoa do plural (nós os negroides), aqui o sujeito racializado ora se desloca para a terceira (os negros de fora), ora acaba incorporado pela forma possessiva (“nossos negros”). Dissolvida no espaço nacional ou cultural do latino-americano, a figura do negro denota, todavia, a marca de uma alteridade: os negros e, para o observador, principalmente as negras, passam a ser os que convivem “conosco”, na “nossa terra”; mas não deixam de ser irmãos daqueles outros, exilados na Europa, que trazem ainda a memória da África, se não na própria alma, certamente no corpo que não se deixa claramente ler pela cultura greco-latina. É como se o pensamento de Nestor Vitor se antecipasse à máxima de Gilberto Freyre: “Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo... a sombra ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro”¹⁸ – mas modificando, na forma de um corolário do tipo: “Toda negra, mesmo a mais escura, traz na alma, se não no corpo e na alma, pelo menos a sombra da brasileira (alva)”.

Assim, é como se entre brancos e negros, a diferença persistisse na pele; enquanto entre o brasileiro e o estrangeiro, a diferença se abstraísse “no ar”. A divisão inscrita na nacionalidade pode ser superada apenas com grande dificuldade, de modo que se o “ar” parece ser o elemento menos físico do que etéreo, mas

¹⁷ Ibid.

¹⁸ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. [s.l.: s.n., 19-?].

de fácil compreensão, pouco se atenta ao corpo que respira atrás daquele vago conceito de “fisionomia” – conceito do qual tão frequentemente se lançava mão naquelas primeiras décadas do século XX para denotar características ou feições que, se adquiridas, não deixam de ser hereditárias. Assim, a marca da diferença persiste, seja na imagem daquela idealizada e modesta senhora, seja quando, nos inumeráveis textos sobre o amigo e excelente poeta, Nestor Vítor recorre a uma adjetivação sempre racializante e, como não dizer, racista, de modo que volta e meia define o amigo por sua “índole de primitivo” ou por seu “temperamento selvagem”.¹⁹ Mas é no encontro com a diferença racial que Nestor Vítor descobre a diferença ou a especificidade do nacional ou do *latino*-americano. Ou seja, a diferença racial se revela tão somente para logo se diluir, mas deixa rastros na lembrança de que mesmo o “nosso negro” é meio-irmão daquele que, aos olhos do luso-brasileiro, permanece duplamente estrangeiro. Assim, as relações humanas se organizam segundo graus de separação ou – à luz da “simpatia” evocada por Nestor Vítor – segundo diferentes graus de fraternidade.

Tal ambivalência entre afinidades e rejeições no desejo de fraternidade nunca se resolverá por completo na literatura e no pensamento articulado pela elite nacional luso-descendente, que, quando convém, autodefine-se como negroide ou brancarana, como o fará mais tarde Gilberto Freyre – ambivalência que, de certo modo, é atenuada ou dissimulada depois da Primeira Guerra, com a propagação do nacionalismo modernista e, sobretudo mais tarde, com o discurso triunfante sobre a mestiçagem e o nacionalismo exacerbado do Estado Novo. Ao mesmo tempo, ao denunciar a frieza científica dos fundamentos do racismo do final do século, Nestor Vítor (e com ele possivelmente os simbolistas em geral) convida o leitor a se aproximar “calorosamente” (ou seja, com a chamada “simpatia”) do africano e do afro-descendente, respeitando-lhe a diferença e, ao mesmo tempo, afirmando-lhe a igualdade: “Estudai a frio, quer dizer, inferiormente, cada um desses seres e vós sereis um discípulo ou um êmolo dos Lombroso”,²⁰ Assim, o crítico paranaense contesta determinadamente todo o racismo então em voga:

¹⁹ VÍTOR, Nestor. *O poeta negro*, p. 467-468.

²⁰ VÍTOR, Nestor. *Obra crítica de Nestor Vítor*, v. 1, p. 18.

Certamente que haverá na biologia e na sociologia dos povos algumas leis que sejam particularmente características de cada um, e a essas o extraordinário artista estará sujeito no seu círculo, como nós estamos sujeitos às nossas no nosso. Mas quererem partir do princípio da comum inferioridade africana atual para preconcebidamente anular a individualidade deste glorioso representante da raça maldita, em frente de seus livros, é uma tal futilidade asinina que a mais estreita ciência qualificaria de irrisória, é o mesmo que se quisessem negar a existência das auroras boreais porque tais fenômenos não se passam em todos os meridianos no mundo.²¹

A apaixonada amizade de Nestor Vitor por aquele cuja herança africana está sempre marcada (o Poeta Negro), ultrapassa a esfera do privado, e espelha um modo muito particular de se pensar a diferença (entre “o seu” e o “nosso círculo”). Se pode haver distância histórica e biológica entre as raças, esta não determina posições de inferioridade ou superioridade e, sobretudo, não interfere nas relações de amizade entre indivíduos. No entanto, a questão que persiste em toda a sua ambiguidade é de como estabelecer uma relação de igualdade e respeito à diferença com o que o crítico insiste em chamar de “representante da raça maldita”, sem que esta perturbe a constituição de uma nova e distinta identidade do sujeito nacional, uma “variedade humana que até agora, dentro da raça latina, conseguimos representar nesta metade da América do Sul”.²²

Para melhor se compreender tal ambiguidade entre as relações de amizade e de presumido cunho fraterno, que transita entre o público e o privado, entre o particular e o universal, entre o extraordinário e o exemplar, permito-me um desvio no argumento para recuperar um curioso – mesmo que nem sempre original – tratado que Nestor Vitor publica mais tarde, em 1921, quando o ímpeto nacionalista já tomava dimensões até então inéditas em terras brasileiras. Entitulado *O elogio do amigo*, a obra é dedicada à memória de seu amigo pessoal, Cruz e Sousa, mas a relação de amizade inter-racial na história da nação em geral ocupa um espaço de evidência. Mais de 20 anos depois da morte do amigo, Nestor Ví-

²¹ *Ibid.*, p. 21.

²² VÍTOR, Nestor. José de Alencar e Machado de Assis, p. 308.

tor aos 53 anos agora teoriza sobre a questão da amizade, que ele define, antes de tudo, como um “milagre de simpatia” e “região dos iguais”. A partir dos modelos clássicos, citando de Aristóteles e Cícero a Montaigne e Nietzsche, o autor discorre sobre a amizade nas diversas fases da vida do homem, sempre considerando formas de se relacionar com a diferença, seja de idade, seja de personalidade, e formas de se cultivar a influência mútua e, ao mesmo tempo, manter-se a individualidade. Segundo ele, uma vez passada, na infância, a fase da “aliança frágil, indiscriminada, efêmera e pouco seletiva”, em que a comunicação se dá na fantasia, a amizade na adolescência será marcada pelo desejo de provar a autossuficiência em relação aos mais velhos, de modo que o jovem se converte em “juiz de seus juizes”; assim, o adolescente torna-se um crítico apressado, temeroso das influências dos mais velhos, e com um desejo ainda imaturo de “ter sua ideia própria, por estabelecer para seu uso exclusivo um novo critério de apreciação”.²³ Mas a amizade adolescente também se caracteriza pelas confidências, pelo segredo, pela cumplicidade, e por diversas formas de intercâmbio. As primeiras amizades, para Nestor Vítor, possuem sempre um caráter andrógino, já que se realizam como uma fecundação mútua, mas isso também pode significar um perigo, pois ao criticar os mais velhos, os amigos entre si podem chegar ao excesso da “exaltação cega”: “Nesse tempo os amigos são como noivos: só se querem ouvir mutuamente entre si”.²⁴ E pior, a influência mútua pode levar um dos amigos a ser seduzido por “vícios precoces” incitados pelo outro. Tais vícios corrompem o amigo virtuoso, e podem contaminar como se fossem uma moléstia, que em alguns casos pode deixar sequelas indeléveis: “o certo e o desolado é que daquela infecção por ventura imunda, à semelhança de uns quantos males físicos contagiosos, sempre ficará alguma coisa”.²⁵ Porém, por mais nocivas que sejam, tais aproximações pelo vício são menos nocivas que as com o que o escritor chama de “amigos convenientes”. A amizade mais fértil – e Nestor Vítor parece aqui não se distanciar da lógica da relação de simpatia entre as raças ou entre nacionalidades – depende da capacidade de autonomia do indivíduo e, por isso, é no final das contas sempre recomendável “perder-se

²³ VÍTOR, Nestor. *O elogio do amigo*, p. 20.

²⁴ *Ibid.*, p. 31

²⁵ *Ibid.*, p. 33

ou salvar-se com um amigo”. É essencial se deixar modificar pelo outro, e Nestor Vítor compara a amizade às viagens, defendendo a curiosidade inconsciente e irreprimível, “a fim de que entremos em contato com a vida por todas as faces do que se requeira da mesma para a formação integral do caso humano que viemos aptos a representar”.²⁶

Entre os casos dessas amizades transformadoras, distinguem-se alguns casos brasileiros legendários, marcados pela colaboração na distância social e racial, como aquela entre o aristocrático Joaquim Nabuco, responsável pelo “apostolado abolicionista”, e José do Patrocínio, o mulato, pobre, “de nascimento que não podia ser mais obscuro e mais inconfessável perante as convenções sociais, viu-se atirado, quase que se pode dizer, ao deus-dará das sarjetas... Com isso, Patrocínio, de olhos veludados embora, tinha estampada na fisionomia a insolência antipática dos mestiços revéis”.²⁷ Se por um lado Nabuco aparece como o idealizador simpatizante das causas populares, Patrocínio traz a marca – racial, ou talvez histórico-social, já que o conceito de “fisionomia” esquivava-se em se decidir por qualquer definição unívoca – da antipatia típica dos mulatos. Tanto o filantropista aristocrático quanto o ativista rebelde são, pelo menos em determinado momento histórico, necessários aos avanços políticos e sociais da nação: “Qual dos dois, então, o bem nascido senhor, correto, alinhado e limpo, ou o boêmio que poderia ter sido escravo, carregado de vícios, despeitado, tigrino, qual dos dois, o que produziu a causa ou o que precipitou as consequências, naquela obra de Redenção, da nossa própria redenção sobretudo, foi o maior?”.²⁸ E reconhece, de um lado, o líder popular em seu “ato mais generoso, mais arriscado, porém no fundo mais inteligente, mais transcendental que até aqui praticou esse povo”.²⁹ Por outro, tem dificuldade em imaginar que esse ato do líder pudesse ser viabilizado sem a orientação moral do líder intelectual, sem a “influência de algum amigo excelente e empolgante entre as heteróclitas convivências do seu período

²⁶ *Ibid.*, p. 35

²⁷ *Ibid.*, p. 37; A noção de fisionomia era bastante empregada por escritores da época como critério de análise da personalidade. Para exemplo, ver: AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Dom Pedro II: traços da sua physionomia moral*. Rio de Janeiro: Álvaro Pinto, 1923. [Procurar “Fisionomia de novos”].

²⁸ *Ibid.*

²⁹ *Ibid.*, p. 38.

de formação”. E mais tarde Nestor Vitor ainda comentaria essa conjunção entre a “cólera íntima contra o senhor do eito” de Patrocínio (cujo heroísmo só perde para o de Toussain Loverture) e a “compaixão em Joaquim Nabuco pelo desgraçado habitante do ‘pombal negro’, no engenho de Massangana, onde se criou”.³⁰

Dentro da lógica desse encontro fecundo e produtivo, motor da história nacional, encontro que só poderia acontecer no acaso, na liberdade ou permissividade das amizades juvenis, surge a necessidade do encontro não de todo simétrico, com esse que ele chama “mais do que nosso irmão”, o amigo que em sua diferença pode mesmo ser “mais inapreciável, sob certos aspectos, do que nós a nós mesmos”. Para Nestor Vitor, essa amizade heteróclita ainda é provisória, ilusória e juvenil. Assim, o verdadeiro, produtivo e de certo modo reprodutivo encontro entre pares, superior ao amor e ao casamento, é necessariamente raro, só pode ocorrer entre uns poucos homens adultos, fruto de uma limitada, exígua e longa gestação: “Sabe-se, um povo inteiro procria, no decorrer de séculos, para produzir cinco ou seis homens propriamente ditos. Essa coletividade inúmera concorre toda, como se fosse apenas um casal, para o surto prodigioso de tais unidades integralmente significativas”.³¹ Assim, é necessário que a grande maioria se sacrifique ou iniba seus próprios desejos, para que os eleitos surjam para “representá-los em toda a potencialidade latente”. A eleição e a representação aqui seguem, ao que parece, mais um destino já traçado do que qualquer processo representativo ou democrático. A mediocridade é necessária, e é isso que a vida adulta revela tanto a eleitos quanto ao rebanho dos não eleitos. Assim, se os amigos da adolescência sobrevivem de modo geral, esta forma de sociabilidade se manifestá como camaradagem e, com efeito, cordialidade – “manifestações de afeto imperfeitas, aleatórias, frustrâneas”,³² menos nobres, mas talvez tão necessárias quanto a chamada dos virtuosos, a “amizade aristocrática”. É essa forma de camaradagem comum que produz “os laços por que se une um povo, uma raça, por que a humanidade inteira se liga entre si”. De modo que a hostilidade é, também, um aspecto enriquecedor dessa sociabi-

³⁰ VÍTOR, Nestor. *Patrocínio Filho*, p. 237.

³¹ VÍTOR, Nestor. *O elogio do amigo*, p. 43.

³² *Ibid.*, p. 47.

lidade: “Foi o atuar do escravo sobre o senhor que deu a vitória ao cristianismo. As próprias guerras e o comércio têm sido sempre na história instrumentos dos contatos mais fecundos das raças e dos povos entre si”.³³ É como se o intercâmbio, mesmo que hostil, tivesse sempre no horizonte a possibilidade de aproximação, de um diálogo amistoso e, no limite, de justiça:

Quem bem escrute a época atual verá que talvez nunca se houvesse geralmente sentido tanta necessidade de afeto, de cordialidade, de amizade, como nós sentimos. Quem sabe se não caminhamos para uma grande e esplêndida surpresa a tal respeito, que virá quando assentem, como no fundo de um vaso, todos os resíduos que conturbam nossa alma na agitação hodierna? [...] apesar de certos movimentos de retorno, como o desta horrível guerra há pouco terminada, o próprio estrangeiro já é muito menos estrangeiro do que foi, com especialidade aqui no novo mundo.³⁴

Assim, para Nestor Vítor, momentos de exceção ou mesmo de infortúnio frequentemente criam as condições para a amizade, entendida como solidariedade ou camaradagem. A amizade de que trata Nestor Vítor origina-se na heterogeneidade, e inclui a diversidade em sua forma abstrata e ao mesmo tempo corriqueira: enquanto uma forma de simpatia, cordialidade ou solidariedade, viabilizada pelo diálogo e, de certo modo, pela assimilação das diferenças. Por isso, nada de excessos nas alianças heteróclitas (ou seja, irregularmente declinadas ou inclinadas) da vida adulta do homem comum; se os encontros adolescentes, com seus vícios e experimentações arriscadas, permanecem, é apenas na memória: “Em cada um de tais velhos amigos revemo-nos a todo tempo, recordando a candidez que já teve a nossa alma pela candura que havia na deles, fossem quais fossem os seus defeitos e até mesmo, acaso, sua precoce depravação”.³⁵ Ou na forma de camaradagem fraterna que mantém o contato solidário entre cidadãos, nações e a humanidade como um todo. Assim, o retorno da solidariedade no pós-guerra,

³³ *Ibid.*

³⁴ *Ibid.*, p. 49.

³⁵ *Ibid.*, p. 45.

depois de ultrapassado “o ponto culminante da descrença”, é uma forma de renascimento, de regeneração: “mais uma razão para confiarmos nos tempos que estão por vir”.³⁶

Já a amizade madura, superior e verdadeira – nesse sentido Nestor Vítor acompanha de perto toda a tradição filosófica clássica – pode ocorrer apenas aristocraticamente, entre homens virtuosos, entre aqueles que estão acima e determinam o destino do rebanho daqueles que só são capazes de camaradagem. E outro exemplo brasileiro (e novamente inter-racial) de uma amizade superior seria o daquela entre Silvio Romero e Tobias Barreto. Contudo, nas últimas páginas de seu tratado, é novamente a memória de seu convívio com Cruz e Sousa que constitui o melhor exemplo de verdadeira e perfeita amizade:

Quem para sempre, entanto, me deixou, não é apenas crente [sic], mas arrebatado com o que possa neste mundo ser para nós um amigo, foi Cruz e Sousa, o poeta negro. Há mais de vinte anos que ele morreu; sua amizade, porém, enche até hoje o meu coração como encheria as mãos de viajor débil uma surpreendente, régia dádiva que ele mal pudesse ir levando para casa.

Essa amizade, cuja história espero ainda fazer, inspira e fundamenta o escrito que agora vai terminar. Ela deixou-me sorrindo e chorando intimamente para sempre. Ela é a maior glória da minha vida...

Seu amor deliciava e punha-nos em ânsia, qual se respirássemos no éter. Era o que o antigo chamava o “delírio do sábio”: era um amor dionisíaco.

Cruz e Souza revelou-me como se vive nas Cumiades, a vida arriscada, a vida heroica, sob mais de um aspecto. Depois de encontrá-lo, fiquei para sempre com vergonha de não ser digno do amor que ele me votou.³⁷

Como na maioria dos tratados sobre a amizade na tradição filosófica – e Derrida, em seu *Políticas da amizade*, o mostra exaustivamente–, o texto de Nestor Vítor se revela na forma exemplar, e como uma elegia ao amigo que já morreu,

³⁶ Ibid., p. 51.

³⁷ Ibid., p. 73-74.

trabalho de um luto praticamente incomensurável. Cheio de nostalgia e promessa, o *Elogio* defende uma amizade em que se exclua a vaidade dos literatos comuns, uma amizade em que a tolerância e o sacrifício mútuo sejam fundadores, e em que o ideal compartilhado não se degenere em “espírito de seita”.³⁸ Se os amigos são *correligionários*, como propõe Nestor Vítor nesse tratado, ainda não se trata de um espírito de comunidade propriamente dito. Sua própria ideia de religião, discutida em obra anterior, de 1917, revela tal ausência de qualquer organização dogmática:

E a minha tendência romântica sempre a senti eivada de *religionismo*, porém jamais sob a disciplina de qualquer crença organizada. Como aquele Juliano de Ibsen, eu poderia dizer que pertencço à religião que se há de fundar amanhã.³⁹

Impossível não se reconhecer a diferença e a distância, sempre marcada pelo social e pelo racial, que resiste e subsiste nesse diálogo que transcende a camaradagem, fundada na simpatia, tolerância, solidariedade e desejo de comunicação. A figura do amigo, a quem irremediavelmente chama de “poeta negro”, é o objeto de um luto que parece interminável e de uma dívida que parece impagável ou cujo acerto só se dará em uma escrita futura, uma história ainda por se contar. Difícil, talvez impossível, decidir se a diferença racial nesse caso deixa de ter papel central na amizade espiritualizada e sublimada dos virtuosos ou, ao contrário, é absolutamente fundadora do ideal que une dois seres cuja dessemelhança não poderia ser mais evidente aos olhos da sociedade e da história. Ao contrário da relação juvenil entre Nabuco e Patrocínio, entre Cruz e Vítor é o homem negro que ocupa a posição de mestre e fonte de inspiração. Mas ao mesmo tempo, essa figura – cujo poder de evocar os vivos parece inesgotável – escapa à vida presente, enterrando-se cada vez mais em um passado irrevogável através da literatura que ainda não se escreveu.

Assim, na obra crítica (tanto quanto no depoimento autobiográfico) de Nestor Vitor, o lugar daquele amigo, poeta e negro, na formação da literatura brasileira é determinante e ao mesmo tempo resiste à completa assimilação. Basta consultar

³⁸ *Ibid.*, p. 69.

³⁹ VÍTOR, NESTOR. Farias Brito, p. 244.

um dos ensaios críticos escritos anteriormente, com intenção de assegurar o valor do poeta e fundador do simbolismo no Brasil. Se, por um lado, o escritor brasileiro luta incessante e admiravelmente pela inclusão de seu eterno companheiro no cânone literário brasileiro, por outro lado acaba como que obrigado a reconhecer sua exterioridade irreduzível. E considera praticamente impossível, talvez mesmo indesejável, uma completa integração daquele que é menos um exemplo a ser imitado do que um caso particular a ser compreendido:

Já indicamos que além disso a sua influência é sensível na nossa estética mais propriamente dita e até na história da evolução do vernáculo no nosso país.

Acresce que ele é um tema riquíssimo para os homens que se dedicam ao estudo da psicologia das raças. Seu caso muito interessa ao mundo a essa luz, principalmente aos homens do continente africano. De certo ponto em diante, ele tem de figurar à parte na literatura nacional. Em tempo algum poderemos aceitá-lo como um autor nosso que corresponda no seu conjunto à capacidade estética, regular e normal, que nos é própria. Nunca assimilaremos o que ele, na sua índole ciclópica, de tipo originariamente bárbaro, oferece de vertiginoso, de disforme ao nosso gosto comedido e procedente da cultura helênica. Além disso, pela sua exígua, falseada ilustração, desvios no terreno das ideias e na composição ele comete em que seria estulto quereremos incidir.⁴⁰

Como entender essa relação de simpatia (e dívida) interpessoal, marcadamente inter-racial, que “de certo ponto em diante”, passa a ser ameaçadora à herança europeia do escritor mais alvo? Quando se considera, como quer Nestor Vitor, que a “amizade é o modelo de todas as relações e a condição ideal da sociedade humana”, como entender a experiência da amizade na diferença (ou seja, heteróclita) e, por conseguinte, a nacionalidade na diversidade, nacionalidade constituída também pelo que lhe excede? A participação de Cruz e Sousa é fundadora, mas ao mesmo tempo sua presença é subtraída, sua figura é deslocada, sequestrada, e de certo modo repatriada às terras da África ou aos

⁴⁰ VÍTOR, Nestor. *Obra crítica de Nestor Vitor*, v. 1, p. 468.

subterrâneos da memória. Assim, à medida que a exigência nacionalista se firma, a integração do negro só pode ser limitada, controlada mesmo, pois representa o risco de contaminação do “gosto comedido” dessa “raça latina” ou dessa cultura que no novo mundo se imagina greco-europeia.⁴¹ Se a alteridade vertiginosa, e até o elemento de repulsa ao bárbaro e monstruoso, não excluem o que ele chama de “simpatia” entre os dois sujeitos, considerados cada um em sua individualidade, sempre abertos à influência mútua, cada vez fica mais claro que tal influência do (poeta) negro nas letras nacionais deverá ser apenas moderada, contida ou ressignificada na promessa de um futuro nacional mestiço em que o contato fundador entre as raças excluirá cada vez mais a possibilidade de uma convivência realmente polirracial e mesmo policultural.

Não há espaço aqui para se desenvolver a perspectiva registrada pelo próprio Cruz e Sousa, mas as palavras de seu “Emparedado” são uma intervenção necessária nessa narrativa histórico-literária da qual a “desmesura” do poeta será, no final das contas, excluída:

Eu não pertenço à velha árvore genealógica das intelectualidades medidas, dos produtos anêmicos dos meio lutulentos, espécies exóticas de altas e curiosas girafas verdes e spleenéticas de algum maravilhoso e babilônico jardim de lendas.

[...]

Artista! Pode lá isso ser se tu és d’África, tórrida e bárbara, devorada insaciavelmente pelo deserto [...] Artista?! Loucura! Loucura! Pode lá isso ser se tu vens dessa longínqua região desolada, lá no fundo exótico dessa África sugestiva, gemente, Criação dolorosa e sanguinolenta de Satãs rebelados, dessa flagelada África, flagelada e triste [...].⁴²

O IRMÃO MAIS VELHO E O BRASILEIRO DO FUTURO

Como se viu, a exigência histórica de formas mais ou menos intransigentes de nacionalismo, e a contiguidade do negro como uma forma de, para o bem ou para

⁴¹ Há aqui uma ponte a ser feita entre este “gosto comedido” e o “lirismo comedido” a que Mário de Andrade viria a se opor. Devo essa sugestão a Carlos Minchillo.

⁴² SOUSA, João da Cruz e. *Obra completa*, p. 671-672.

o mal, sinalizar a diferença nacional, já se notava nos primeiros escritos de Nestor Vítor. A fisionomia lusitana dos afro-brasileiros e a feição negroide dos luso-brasileiros os aproximavam, mas algo de ilegítimo ou bastardo nessa relação entre meio-irmãos se denunciava. E seja no âmbito do privado ou autobiográfico, seja na intimidade ou no “público-inclinado-ao-oficial”, a representação da relação de amizade e equidade entre o negro e o branco torna-se cada vez mais difícil de ser conciliada com um pensamento definitivo sobre a nacionalidade.

Se na virada do século o espiritualismo universalista era a preocupação maior de Nestor Vítor, permitindo como que um encontro de almas no sublime, é sobretudo em torno de 1920 – quando ele escreve o *Elogio* e distante duas décadas da morte do amigo de origem africana – que sua obra começa a mostrar sinais de uma maior suscetibilidade à preocupação nacionalista característica das novas gerações e, como veremos mais adiante, é onde surge a necessidade de se pensar a mestiçagem como forma de transição para um futuro de cunho conciliatório. No começo dos anos 1930, já em seus últimos anos de vida, mas ainda coerente com seu princípio das mútuas influências, aquele que era considerado o “crítico oficial do simbolismo” reconheceria a maneira pela qual, de “irmão mais velho” (como frequentemente se considerava em relação aos “novos”), ele passaria a ser quase uma cria dos mais jovens que agora ocupavam a cena intelectual do país:

É impossível negá-lo: a guerra trouxe um novo mundo. Quebrou toda a continuidade entre o que foi antes dela e o que depois dela vai-se revelando.

Os moços atuais vieram tão diferentes do que nós somos, nós outros que já éramos antes que eles fossem, como se de nós não procedessem. Desta distância tão grande que se estabeleceu a olhos vistos entre quem vinha e quem já estava, resultou que nós mesmos, para adaptarmo-nos ao novo ambiente, vamos também, até certo ponto, sem sentir, deixando de ser quem éramos.⁴³

⁴³ VÍTOR, Nestor. Para oeste nada de novo, p. 310.

Particularmente representativos desse momento de transição (não só pessoal, mas histórica) são, ao lado do *Elogio*, os textos publicados de 1916 a 1922, e reunidos em *Cartas à gente nova*, de 1924 – “cartas escritas à gente que sucedeu à minha geração, isto é, aos que vêm apresentando numa sucessão necessária de quinze anos para cá”.⁴⁴ Sempre escrevendo a partir desta posição de “irmão mais velho”, Nestor Vítor percorre uma quantidade significativa de títulos recém-publicados, dos novos regionalistas aos seus próprios discípulos neossimbolistas e espiritualistas, em um esforço crítico de mapeamento, mas também pedagógico e de intervenção. Assim, o ensaísta-missivista lê com atenção (e, sempre, a partir daquela sua aproximação pela “simpatia”) as primeiras manifestações literárias de autores como Andrade Muricy (*Literatura Nacionalista*, 1916; *Alguns poetas novos*, 1918; *Emiliano Pernetta*, 1920; *O suave convívio*, 1922); Jackson de Figueiredo (*Garcia Rosa*, 1916; *O crepúsculo interior*, 1918; *A questão social na filosofia de Farias Brito*, 1919; *Pascal e a inquietação moderna*, 1922); Manuel Bandeira (*A cinza das horas*, 1917); Gilka Machado (*Cristais partidos*, 1916; *Estados d'alma*, 1917); Menotti del Picchia (*Moisés*, 1917; *Juca Mulato*, 1918); Tasso da Silveira (*Fio d'água*, 1918; *Romain Rolland*, 1920; *A igreja silenciosa*, 1922); Ronald de Carvalho (*Poemas e sonetos*, 1919; *Pequena história da literatura brasileira*, 1919); Guilherme de Almeida (*A dança das horas*, 1919); Adelino Magalhães (*Casos e impressões*, 1917; *Visões, cenas e perfis*, 1918), entre outros.

Mas agora, diferentemente daquela convicção que manifestava ao criticar Barrès, ou seja, a de que de uma maneira ou de outra as nacionalidades antagônicas subsistiriam “vivazes” (“e com elas os múltiplos povos, as diferentes raças humanas [...]”), Nestor Vítor desconfia da debilidade da nação como um todo, e teme que nos novos tempos tal sobrevivência tenha que ser conquistada à custa de um extraordinário esforço e sacrifício:

Atravessamos uma hora em que as nacionalidades ou já estão passando ou irão passar daqui a pouco por crise tremenda, hora em que elas vão ser experimentadas de maneira tal, que só as mais vivedouras ficarão de pé. Ver-se-ão condenados a um maior ou menor sacrifício mormente os pequenos países cuja feição própria não seja tão inconfundível que,

⁴⁴ VÍTOR, Nestor. *Obra crítica*, v. II, p. 73.

caso eles sujeitos a outros, só possam concorrer para quebrar-lhes a unidade, no que respeita ao caráter, à última psique, e portanto para enfraquecer quem os violente. As pequenas pátrias são as mais ariscadas, ou então os países grandes, mas cujos membros, até os mais extremos entre si, se não solicitem necessariamente, como o ímã atrai o aço, *solicitação que só se dará se tais membros se parecerem uns com os outros como nenhum deles com qualquer parcela estranha à comunidade que atualmente os entrelaça.*

A geração atual tem, pois, sobre seus ombros uma responsabilidade formidável, sobretudo nas terras cuja organização ainda se processa. Vem daí o movimento nacionalista que por toda parte se está produzindo, e, por instinto, refletindo em quase todas as manifestações artísticas.

Antes, mesmo, da Grande Guerra, já se vinha iniciando ele, no Brasil.⁴⁵

O deslocamento de perspectiva é sutil, porém significativo. Como se viu, desde o início de sua carreira crítica, Nestor Vítor considerava a necessidade de se defender a cultura nacional de um excessivo cosmopolitismo. Mas a ideia de unidade, autonomia e vigor nacional agora assume um papel menos estratégico e mais fincado em raízes ou, pelo menos, espalhado horizontalmente em rizomas, passando a depender de uma certa homogeneidade solidária da população, de uma identificação quase completa dos indivíduos entre si e com a nação como um todo, paralela a uma explícita diferenciação excludente em relação ao elemento estrangeiro. Cada vez mais o crítico defenderá a necessidade desse novo nacionalismo, que se não chega a ser tacanho como o de Barrès, se expressa, segundo ele, intuitivamente nas mais diversas modalidades líricas, épicas ou místicas de sua época. Considerando o Brasil como exemplo de nacionalidade ainda em formação, Nestor Vítor não deixa de assumir o nacionalismo como forma de resistência, em que a necessidade de se afirmar a autonomia – ou o que ele chama de “feição própria” – contrapõe-se à influência externa, não para

⁴⁵ VÍTOR, Nestor. Flor de manacá, p. 189. Já em 1906 Nestor Vítor notava: “Sente-se que a esses ora no início de sua carreira os prende, a quase todos, entre si, uma tendência ou antes uma preocupação comum, que é o problema nacional” (VÍTOR, Nestor. *Obra crítica de Nestor Vítor*, v. 1, p. 401).

negá-la, mas para dissipar seu potencial hegemônico. Segundo ele, retomando o impulso nacionalista dos românticos, agora combinado com o espírito crítico dos naturalistas, as novas gerações surgidas desde antes da guerra – e representadas inicialmente por escritores como Graça Aranha, Euclides da Cunha, Farias Brito e Alberto Torres – teriam introduzido uma nova orientação autorreflexiva no pensamento brasileiro; uma orientação eminentemente programática, traduzida em “preocupação, consciente ou inconsciente, de fazer psicologia rigorosa, embora não pessimista, de nós mesmos, ou pelo menos a de representarem genuinamente o que já possamos reconhecer como nossa psique, e daí também a de nos indicarem uma orientação acorde com o nosso modo de ser”.⁴⁶ Esse movimento de autodescoberta e de redirecionamento que ele identifica nos “novos” teria atingido alguns excessos que ele julga falsificadores, como o que ele chama de “sertanismo” e “caipirismo” (como o de Afonso Arinos e Catulo da Paixão Cearense), espécie de “bolchevismo literário” produzido em colaboração e com o incentivo de “estrangeiros de falso gosto, senão solertes”.⁴⁷ Assim, Nestor Vítor defende uma procura da identidade nacional que não sucumba nem ao olhar de aprovação totêmica de uns, nem ao de reprovação daquela outra opinião europeia, “que pretendia fazer do louro dolílocéfalo um tabu sacrossanto”. Assim, o que para Nestor Vítor diferencia o novo nacionalismo do primeiro sentimento nacional é a responsabilidade de se representar um sujeito coerente em sua existência física e psicológica, em sintonia com a nação como um todo, e não somente de se apontar a “fisionomia” indicativa de uma forma de ser ou de um jeito propriamente brasileiro. Mas se o “louro dolílocéfalo” já não ocupa o lugar de representante da nacionalidade almejada, ainda não se sabe para onde se deslocará os corpos dos homens e mulheres negros que habitam a sociedade e a cultura brasileira. Com a exigência de integração e unidade nacional, e um aparente embranquecimento da população, não surpreende que o mestiço viesse a ocupar o centro das reflexões sobre a nacionalidade desse crítico que observava as transformações por que passavam o Brasil naquelas primeiras décadas do século XX, em que movimentos imigratórios transformavam a realidade do país.

⁴⁶ VÍTOR, Nestor. *Flor de manacá*, p. 190.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 191.

É verdade que ainda subsiste neste Nestor Vítor impregnado de nacionalismo algum ímpeto diferenciador, se é que podemos designá-lo assim, que passa sempre pela simpatia e pela amizade – entre indivíduos, entre raças, entre nações e, cada vez mais, entre regiões e classes sociais. Mas o que anteriormente era valorizado, ou seja, o papel complementar e interativo das relações heteróclitas na história nacional (e internacional), tomará, no limite, a forma de uma solidariedade que poderíamos chamar de filantrópica. Para além da simpatia (que se oferece à influência mútua e à assimilação), esse sentimento de responsabilidade em relação ao *conterrâneo* a princípio não difere daquele que o liga ao homem *contemporâneo* em geral. Sabe-se, por exemplo, que Nestor Vítor, então designado o “Rodó brasileiro”, aparece como um dos fundadores, ao lado dos “novos” Tasso da Silveira, Andrade Muricy, Jackson de Figueiredo, Gilka Machado e Ribeiro Couto, do periódico *América Latina: Revista de Arte e Pensamento* (publicado entre julho de 1919 e fevereiro de 1920, e que se declarava “órgão de defesa do espírito latino-americano”), demonstrando um particular esforço em imaginar, a partir dos trópicos, novas formas de diálogo e colaboração entre nações do hemisfério sul. Também significativo é o fato de, no início da guerra, em 1915, Nestor Vítor ter participado, junto a José Veríssimo, e sob a orientação de Rui Barbosa, como diretor-presidente, da formação da Liga Brasileira pelos Aliados, que se posicionava contra a Alemanha, mas também expressava solidariedade às nações aliadas europeias, inclusive através de apoio humanitário à Cruz Vermelha belga.⁴⁸ Tais gestos de solidariedade com a Europa por um lado, e afinidade com os vizinhos do hemisfério sul por outro, são coerentes com seu modo original e sempre camarada de articular um nacionalismo cosmopolita, que no limite se desdobra na necessidade de se articular a relação entre o sul e o norte do país ou entre centro e periferia. Assim, ao se dirigir a Veiga Miranda, autor de *Mau olhado* (1919), Nestor Vítor pondera sobre o papel do inegável cosmopolitismo do sul do país em relação à vida do planeta como um todo (no fundo, do *cosmos* europeu), mas também à realidade regional (ou *topos*) do norte do Brasil:

⁴⁸ Lima Barreto por sua vez afirma ter aderido, mas depois se separou da Liga (BARRETO, Afonso Henriques de Lima. A guerra faliu, p. 513, ver também: BARBOSA, Francisco de Assis. Bagatelas, p. 151 Apud BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2002. p. 277).

É preciso que o Brasil areje o cérebro, torne-o mais complexo, mais transcendental, que se interesse, não só pela sua vida, como pela vida do planeta, integre-se na civilização segundo suas forças já lhe permitirem.

Se nós, por exemplo, nos houvéssemos interessado pela Grande Guerra, que acaba de passar, apenas no grau do interesse por ela manifestado lá para o Norte, não teríamos tido estímulo que nos levasse a tomar parte nesse incomparável conflito sequer pela maneira tão modesta, em todo caso digna e certa, por que tomamos ...

Em todo caso, convém não nos perdermos nas nuvens com pretender elevar-nos acima dos interesses regionais...

Nós, de acordo com as circunstâncias especiais, podemos ser mais cosmopolitas do que eles são no seu conjunto, mas é indispensável que não desafirremos inteiramente nosso pensamento do solo pátrio.⁴⁹

Enfim, essa nova preocupação solidária com o conterrâneo invisível e por vezes subalterno raramente se evidenciava no primeiro Nestor Vítor da virada do século, preocupação que em grande parte caracteriza a busca da identidade na contiguidade típica do nacionalismo então emergente. Por exemplo, o ensaísta agora chama a atenção (criticamente) para o fato de que os escritores do norte têm pouco contato com os do sul, ao passo que os cosmopolitas do sul viajam mais frequentemente ao estrangeiro do que aos estados do norte do país. Assim, como que resguardando a memória de um Brasil que já não existe no sul (ou que nunca chegou a existir), Nestor Vítor torna o olhar primeiramente para os colegas do norte e nota o quanto eles lhe parecem ao mesmo tempo mais e menos brasileiros do que os seus “irmãos” do sul. Mais brasileiros porque mais autênticos, ou seja, menos vulneráveis à influência de culturas estrangeiras; menos autênticos também, por se considerarem antes como parte de uma cultura regional do que nacional: “Ele será um excelente brasileiro, mas antes de tudo à moda nortista, adorando o seu povo e o seu *habitat* acima de todas as gentes e de todas as cousas”.⁵⁰ O crítico faz todavia uma ressalva, lembrando-se de um número de escritores, dentre aqueles regionais ou menos cosmopolitas, oriundos do norte do país, como Tobias Barreto, Sílvio

⁴⁹ VÍTOR, Nestor. *Mau-olhado*, p. 134.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 133.

Romero, Joaquim Nabuco e Graça Aranha, e que não se restringiram “a pontos de vista mesquinamente nacionais”. Por outro lado, defende que os do sul, de certo modo menos brasileiros, não desenraizem seu pensamento do “solo pátrio”. Finalmente, chama a atenção para uma iniciativa que considera exemplar, a do autor de *Urupês*, que mal ou bem resolveu olhar para o interior vivo e esquecido do país – mesmo se, ao condenar o caboclo ao atraso e o ver como um empecilho ao progresso da nação, o projeto de Monteiro Lobato tenha sido em última análise equivocado. E conclui: “Mais do que essa triste gente, da sua miséria é culpado o seu próprio irmão triunfante, que não lhe ministra instrução nem lhe proporciona higiene em grau bastante extensivo para assimilá-la de modo conveniente ao fim ambicioso que tem em vista”.⁵¹

Assim, as tonalidades nas gradações da fraternidade se expandem e se complicam: de cosmopolita e apenas meio-irmão do negro brasileiro (e ao mesmo tempo mais que irmão do amigo e poeta negro), a irmão mais velho da geração cosmopolita do sul, Nestor Vítor passará a olhar todo o Brasil como uma família de escritores desgarrados, em que os irmãos ou meio-irmãos mais distantes, os intelectuais do norte, pouco ou quase nada se comunicam com os o do sul. Tal preocupação é moeda corrente entre os jovens escritores da década de 1920, quando personagens como Raul Bopp, por exemplo, viajavam pelo país para divulgar ideias regionais ou modernistas, e criar novos e firmes intercâmbios entre as novas gerações de intelectuais.⁵²

Ao mesmo tempo, uma outra preocupação se faz notar, junto com esta, ou seja, a de se atentar solidariamente àqueles outros, de certo modo mais moços dos que os “moços”, caçulas que silenciosamente aguardam a solidariedade, se não a tutela, do “irmão triunfante”. Em contraposição à cuidadosa valorização

⁵¹ *Ibid.*, p. 135.

⁵² No início de sua carreira jornalística e literária, em 1922, José Lins do Rego também lamentava: “Nós nos desconhecemos por completo, e isto numa infância de povo em que devia ser bem forte a impressão de irmão a irmão, para mais tarde não perecer o instinto da cordialidade que mais se liga quando há os mesmos motivos, as mesmas lutas e os mesmos triunfos. No Brasil se separam os homens de estado a estado, vivendo cada com os seus poetas e suas lendas, demonstrando a nossa fraqueza num momento político em que a unidade de pátria é a resistência e é a segurança contra a inteligente assimilação das raças superiores. Felizmente já se agita a necessidade urgente de mostrar o Brasil ao Brasil.” (REGO, José Lins do. *Intercâmbio intelectual*. In: _____. *Ligeiros traços: escritos de juventude*. Rio de Janeiro: Editora J. Olympio, 2007. p. 135)

dessa nova e inevitável tendência de cunho quase filantrópico, mas também de assimilação da sombra do outro para a legitimação do nacional, o crítico alerta para os equívocos pessimistas de um Euclides da Cunha, levado pelo neodarwinismo a “amargas convicções”;⁵³ ou de um Monteiro Lobato, em seu repúdio ao tipo do caboclo representado pelo Jeca Tatu.⁵⁴ Assim, considera a relevância de um regionalismo de caráter mais otimista, construtivo e aglutinador para as letras e, logo, para o futuro nacional:

A literatura de costumes regionais ... serve muito para uma coisa: para revelar cada vez mais, a todos nós, do norte ao sul, *que somos muito irmãos*”.

O que me parece, entretanto, necessário é que essa literatura não tenha por fim apenas expor costumes, nem que celebre a beleza semisselvagem que há nestes apresentando o nosso mestiço como idealizado a nosso contento, e sua vida como um tipo de vida que nada mais deixe a desejar. Nem isso nem a intenção iníqua e anárquica de arrasar o nosso pobre patricio rústico, que teve o autor de Urupês...

Achamo-nos num momento que nenhum escritor tem o direito de desconhecer como excepcionalmente sério no que respeita, conforme diz Rocha Pombo, “a essas populações que vão sendo apertadas entre a civilização e a rotina imóvel e passiva – libertos e caboclos, vindos de duas escravidões – a senzala e a selva”.

Por meu lado, a mim se me afigura que, continuando-se na quase completa desídia atual relativamente ao que devemos a *esses nossos irmãos*, não está livre o Brasil de uma sublevação tremenda, que se estenda de ponta a ponta em toda a medula do país. Mas no dia em que o homem da floresta se revoltasse contra o parasita da cidade, aqui, poderíamos ter cenas análogas àquele tremendo espetáculo que hoje a Rússia oferece.⁵⁵

⁵³ VÍTOR, Nestor. *Obra crítica de Nestor Vítor*, v. 3, p. 152.

⁵⁴ VÍTOR, Nestor. *Problema vital*, p. 139.

⁵⁵ VÍTOR, Nestor. *Senzalas*, p. 136.

Em suma, de norte a sul das letras nacionais, os laços de sangue que determinam a metáfora do irmão mais velho em relação aos “novos” se expande para incluir uma fraternidade mais ampla, mas, ao mesmo tempo, mais desigual. Note-se que o sentido de “irmãos” na primeira iteração do trecho acima, irmãos que “todos nós” somos, não coincide com o de “esses nossos irmãos”, que são os excluídos, esquecidos, negligenciados pela preguiça irresponsável dos mais velhos ou dos mais triunfantes. Estes devem ser assimilados, apropriados ou digeridos na subjetividade do possessivo plural agregado àquele que articula um novo desejo de fraternidade, revigorada pela solidariedade nacional.

Se o irmão esquecido nesse caso é objeto de uma responsabilidade e de uma espécie de dívida por parte dos vitoriosos do sul, sua alteridade não deixa de representar ainda algum perigo, e traz sempre o potencial de hostilidade ameaçadora à ordem política do país, de uma “sublevação tremenda”. É como se o projeto de integração nacional que ora se institui extinguisse no presente qualquer possibilidade de subjetividade dissidente ou de convivência verdadeiramente heteróclita. A figura do mestiço (o “nosso mestiço” da citação acima) nesse momento assume um papel fundamental, passando a ser imaginado menos como símbolo de instabilidade (psicológica, social, genética), do que como uma promessa de conciliação e de acomodação à nova e visível realidade econômica, cultural e étnica do país em formação. Assim, quando em 1922, Nestor Vítor comenta (e critica severamente) o *Populações meridionais do Brasil*, de Oliveira Viana, já é quase a mestiçagem triunfante, à moda de um certo Gilberto Freyre, que se prefigura e se valoriza, em contraste com o projeto branqueador vigente, por um lado, e ao humanismo suprarracial da virada do século, do outro:

Essa repugnância [da aristocracia rural, de cruzar com os representantes de outras raças] lhes dá resistência e domínio tais, acha o senhor, que se ainda assim se produz o mestiço, para viver ele tem de arianizar-se nas suas tendências perfeitamente psicológicas e sociais.

[...] é o contrário do que sustentava Sílvio Romero ... que nós todos, ao menos psicologicamente, somos já mestiços, pela influência da atmosfera moral e intelectual em que respiramos e para que tanto concorreram o

negro e o índio. [...] Assim, a mestiçagem forçosa afirmada por Sílvio é presentemente acolhida em nosso meio com desassombro e até com mais simpatia que esse arianismo *quand même* de *Populações meridionais do Brasil*.⁵⁶

Viu-se que a lógica residual da incorporação do “nosso” negro (ou seja, a identidade pelo possessivo) já estava parcialmente em ação na historiografia literária proposta por Nestor Vítor, como no momento em que o aspecto “selvagem” da obra de Cruz e Souza contribuía, mas não se acomodava completamente à constituição de uma literatura genuinamente brasileira. No entanto, o que ainda se vislumbrava naquele afastamento era também uma possibilidade de intercâmbio e diálogo na heterogeneidade, movidos pela simpatia. Ao mesmo tempo – como já desde o início se previa na subjetividade do “nós outros”, o “negroide” sul-americano – a mestiçagem proposta aqui, tal como mais tarde a de Gilberto Freyre, parece prescindir do genético, já que o ambiente e o impacto psicológico seriam suficientes para determinar o caráter do mestiço. Porém, ao rejeitar-se o imperativo branqueador de Oliveira Viana, parece que a existência cultural e social do mestiço (ou do negro de alma portuguesa) será assegurada. Em todo caso, com o nacionalismo que Nestor Vítor recebe dos “novos”, a preocupação com a mestiçagem adquire uma importância incontornável na promessa de um novo e único tipo brasileiro que se identificará com a imagem da nação como um todo.

É na obra de Lima Barreto que Nestor Vítor identificará “o tipo de transição evoluindo para aquele capaz de ser o do brasileiro definitivo no futuro”. Em uma das “Cartas à gente nova” mais investidas de emoção e simpatia, o crítico faz uma leitura toda pessoal do *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*.⁵⁷ As duas figuras centrais desse romance lhe promovem possibilidades desdobradas de analogias literárias e autobiográficas: de um lado o escritor/narrador mulato Augusto Machado, espécie de *alter ego* do próprio Lima Barreto; de outro, seu amigo já falecido, o protagonista que dá nome ao romance, o Gonzaga de Sá, em sua condição de “brasileiro da gema” (descendente dos primeiros colonizadores), cujas simpatias por sua vez se voltam quase que exclusivamente para “o homem de

⁵⁶ VÍTOR, Nestor. *Obra crítica de Nestor Vítor*, v. 2, p. 196-197.

⁵⁷ VÍTOR, Nestor. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, p. 144.

cor”⁵⁸: “simpatia pelos excluídos, pelos recusados, pelos que nesta terra sofrem injustiça”, tais como o próprio Augusto Machado; ou os negros Inácio, empregado de Gonzaga de Sá, Romualdo, seu compadre, e Aleixo, o afilhado órfão.⁵⁹ A amizade na distância e na diferença, a explícita defesa da igualdade entre as raças contra o cientificismo racista e segregador, a solidariedade em relação aos necessitados, tudo faz dessas relações imaginadas na ficção quase que um espelho da amizade na biografia do próprio Nestor Vítor.

Desse modo, não há como e nem por que deixar de imaginar a emoção e a lembrança do único e melhor amigo, reavivada na memória de Nestor Vítor ao ler a descrição, feita pelo narrador, do velório de um dos companheiros próximos daquele luso-brasileiro da obra ficcional de Lima Barreto. Vale a pena demorar-se na apresentação que faz o narrador dessa amizade rara, exemplo das que Nestor Vítor chamara de heteróclitas:

E finalmente pude olhar o cadáver, a cor faraônica do rosto, meio oculto no lenço ao queixo pelas pétalas de flores espalhadas ao redor. Pouco conhecera aquele homem [...] Sabia-o compadre de Gonzaga e chamar-se Romualdo de Araújo. A amizade entre aqueles dois homens, tão diferentes de condição e educação, era forte e profunda. Conquanto não tivessem nunca chegado à completa intimidade, eles se amavam de um modo especial, distante, é certo, mas que permitia a duração eterna da afeição.⁶⁰

Nestor Vítor se detém nesse momento (trata-se do final do capítulo 9, “O padrinho”) em que, ainda a velar o corpo do negro Romualdo, o narrador-personagem do romance começa a elocubrar sobre o destino da criança, agora órfã, o pequeno Aleixo ali presente, e se dá conta de que o futuro do menino não tem nada de auspicioso, já que ele seria para sempre vítima do preconceito da sociedade que o cercava. Mesmo tendo o privilégio da proteção benevolente de um padrinho branco (Gonzaga de Sá), que lhe proporcionaria o acesso à educação

⁵⁸ *Ibid.*, p. 145-146.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 146.

⁶⁰ BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Prosa seleta*, p. 605.

e a alguma inserção social, o futuro pesarosamente previsto pelo narrador do romance de Lima Barreto é lastimável:

Era doloroso peregrinar com o opróbrio à mostra, à vista de todos, sujeito à irrisão do condutor de bonde e do ministro plenipotenciário [...] Coitado! Nem o estudo lhe valeria, nem os livros, nem o valor, porque, quando o olhassem diriam lá para os infalíveis: aquilo lá pode saber nada!⁶¹

Nestor Vitor identifica nesse narrador do romance um leitor de Cruz e Sousa, particularmente do *Emparedado*, “que eu tenho lido com os olhos úmidos tantas vezes”.⁶² E o crítico nota que, assim como o do pequeno órfão, o destino do próprio narrador mulato não promete ser tão mais reconfortante: “Ninguém mais do que ele sofre, no entanto, as consequências da sua condição transitória, que o meio ainda não aceita”.⁶³ Esse mulato, no início da década de 1920, ainda ocupa, segundo a visão de Nestor Vitor, uma posição dúbia, uma existência que ilustra o momento transitório em que se encontra a sociedade carioca, num processo de mistura racial (para alguns considerado “caos étnico”) cada vez mais evidente, mas nem sempre assimilado.

Imagine-se também que o que deve atrair a atenção de Nestor Vitor é uma nova configuração narrativa e social que o romance delineia. A representação da amizade heteróclita se dá mais intensamente quando o homem branco vela o corpo do negro. É novamente uma amizade elegíaca, que se apresenta enquanto luto e vigília. A outra amizade, entre o narrador e o protagonista, inverte essa disposição: é como se o negro, o amigo do amigo, retornasse na forma do mulato, possível leitor de Cruz e Sousa, e que escreve, ele mesmo, a elegia para o amigo branco, agora já falecido. E na interpretação de Nestor Vitor, o narrador mulato faz de seu amigo branco a sua própria imagem, como se o amulatasse um pouco, e essa influência mútua é o que finalmente caracteriza a própria imagem do Rio de Janeiro: “Eu sou Sá, sou o Rio de Janeiro, com seus tamoios, seus negros, seus

⁶¹ *Ibid.*, p. 609.

⁶² VÍTOR, Nestor. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, p. 145.

⁶³ *Ibid.*, p. 144.

mulatos, seus cafuzos e seus ‘galegos’ também”. O lusodescendente já amulato pelo clima mistura-se assim com a cidade, em vertiginosa identificação: “Semelhante tipo é o símbolo do Rio, é o Rio feito homem, como o Rio por sua vez o simboliza, como o Rio é a concha, é secreção desse caracol”.⁶⁴

Nesse retrato da cidade mestiça se revela ainda a memória do defunto negro, assim como a de seu filho órfão. Ao mesmo tempo, essa memória dos excluídos se renova e se transforma em uma nova literatura, verdadeiramente mestiça e pitoresca, que se insinua na obra do brasileiro afrodescendente. Assim, Nestor Vítor compara o romance (do *alter ego*) de Lima Barreto à obra de seu admirado Cruz e Sousa:

Porque se ele por um lado é tão profusamente pitoresco, por outro é de modo bem característico o romance dos humilhados, dos refugiados, dos tristes, aqui no Brasil. É menos um livro que uma queixa, um desabafo, um sudário. É o *Emparedado* de Cruz e Sousa desenvolvido, humanado, levificado, cheio de cor local, e, apesar de tudo, de uma mansidão, de uma confraternidade que em Cruz não se encontra, porque mesmo seria absurdo querer encontrar. Cruz e Sousa é um negro *pur sang*. Augusto Machado, se vem da África, já vem também de Portugal, como ele mesmo nos diz.⁶⁵

É curioso que pareça assim justificado o fato de não haver lugar para a amizade mansa ou para a (con)fraternidade na obra de Cruz e Sousa, justamente por este ser, não mestiço, mas negro *pur sang*, ou seja, um já quase nada irmão. A transição em que se encontra a cidade carioca e, logo, o Brasil, é refletida na constituição de uma população mestiça e ainda marginalizada, separada do ambiente hostil, mas que se inclina à conciliação amistosa e aclimatadora. O brasileiro do futuro para o Lima Barreto de Nestor Vítor é aquele que, sendo mulato (mas não de todo negro), aproxima-se do lusodescendente “puro sangue”, amolecendo-o e aclimatando-o também. A figura emblemática do amigo negro sobrevive na memória do crítico eurodescendente, mas é como se já se tivesse completado todo o

⁶⁴ *Ibid.*, p. 141.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 148.

trabalho do luto; o negro “puro-sangue” existe apenas no passado, e como que para sempre emparedado. Já o brasileiro do futuro não será mais representado unicamente pela figura de um Gonzaga de Sá (ou quem sabe do próprio Nestor Vítor), simpatizante dos excluídos, lusodescendente, mas que ainda se considera um “brasileiro da gema”. O novo brasileiro será o amigo mestiço, simpatizante do branco, com quem se confraterniza na pólis carioca; o Augusto Machado ou o Lima Barreto, escritor de ascendência negra e europeia, sujeito ao preconceito de seu tempo, e que por ora permanece condenado à melancolia. Por isso o livro de Lima Barreto, na opinião de Nestor Vítor, não é ainda de todo legível, “não é livro para ser sinceramente amado nem sequer bem compreendido por muita gente nesta geração”;⁶⁶ é um livro para o futuro, nem naturalista nem simbolista, distinto da atual “literatura truculenta e mirabolante de aquém e de além-mar; enfim, um livro escrito pelo e para o brasileiro ainda por vir”.

Ao que parece, a intensidade da amizade entre Nestor Vítor e Lima Barreto nem de longe se aproximaria de sua amizade com Cruz e Souza; mas ligava-os sem dúvida alguma relação de simpatia mútua. Viu-se que o *Gonzaga de Sá* foi publicado dois anos antes do *Elogio do amigo*, ao qual Lima Barreto por sua vez responderia com simpatia, senão amizade. Se a opinião de Lima Barreto como que complementa o gesto solidário daquele escritor que poderia ser imaginado como um *alter ego* de seu Gonzaga de Sá (o brasileiro ou o lusodescendente que favorecia as amizades heteróclitas), ela também se expressa a partir do olhar de um Augusto Machado, abalando o que ainda há de eurocêntrico no discurso do brasileiro da gema. E adiciona, como um antídoto, sua dose característica de nacionalismo crítico que, ao mesmo tempo em que reafirma, contribui para desembranquecer o processo de mestiçagem latinocêntrica:

[...]

Nesse tempo, Nestor era vice-diretor do Internato; e eu não gostava dele. Correm os tempos e aquele homem que me parecia seco, dogmático, cheio de sentenças, surge-me deliciosamente como uma grande alma, capaz de dedicações e sacrifícios.

Comecei a ler-lhe as obras. Há nelas alguma coisa daquela segura que

⁶⁶ Ibid.

lhe notei em menino. Ele não é efusivo e revoltoso. Nestor é uma floresta do Paraná. Não tem entrelaçamentos dos nossos cipós nem as surpresas de variedades de essências que a nossa mata tropical ou subtropical oferece.

As árvores de sua floresta são quase sempre de uma mesma espécie; são como as do Paraná; são araucárias, e sempre araucárias.

Neste *Elogio do amigo*, mais do que em nenhuma obra, eu vejo Nestor meditativo, solitário, como um pinho do Paraná, com as suas escassas ramagens, a querer atingir um outro que lhe fica bem distante ...

Nestor é bem um amigo dessa forma, porque ele o soube ser de um pobre preto que teve audácia de fazer versos, e foi excomungado por ser preto e fazer versos, como se neste país todos nós não fôssemos mais ou menos pretos e todos nós não fizéssemos versos.

Não há na literatura brasileira, a não ser a amizade de Sílvio Romero por Tobias Barreto, outro exemplo de tão forte amizade literária que esta de Nestor por Cruz e Sousa.

Li este seu livro, em que Nestor tão bem retrata o seu íntimo de amigo, a sua força de amar o camarada; li-o, repito, cheio de embevecimento e entusiasmo.

Nunca amei; nunca tive amor; mas sempre tive amigos, nos transe mais dolorosos da minha vida...⁶⁷

Enfim, o que interessa enfatizar neste extenso percurso sobre a obra complexa e por vezes contraditória de Nestor Vítor é alguma relevância, ainda hoje, das ambivalências produtivas e mesmo promissoras de seu discurso sobre a amizade – discurso que transita por um cosmopolitismo civilizatório, por um humanismo católico pouco dogmático, pelo diálogo entre as raças e as nações, pela crítica à xenofobia e a defesa de um nacionalismo estratégico ou de resistência, motivado, até certo ponto, pela defesa das singularidades e das diferenças e, ao mesmo tempo, pela possibilidade de assimilação mútua. O que talvez ainda sobreviva de mais relevante nesse discurso seja, na melhor das hipóteses, a possibilidade de historicidades múltiplas (como por exemplo, ao se imaginar um Lima

⁶⁷ BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Elogio do amigo*.

Barreto leitor de Cruz e Souza), possibilidade que até certo ponto se dilui com a “geração” de escritores que sucedem e, alguns deles, são herdeiros do pensamento de Nestor Vitor: discurso de uma geração que surge após a Primeira Guerra, num momento em que a responsabilidade dos novos intelectuais será quase que exclusivamente concentrada em afirmar a unidade e a identidade nacionais de forma inequívoca – um discurso que, mesmo em sua versão mais cosmopolita, de um lado, ou mais regionalista e solidária, de outro, estará de algum modo temeroso de perder a autonomia, seja para o inimigo estrangeiro, seja para o irmão ou amigo próximo que pode, de um momento para o outro, tornar-se inimigo. Se cada vez mais a relação entre o homem e o negro se amansa, e de certo modo perde a carga tensa e mesmo erótica que havia na crítica e no testemunho em torno de Cruz e Sousa, o nacionalismo de Nestor Vitor permanece de expressão relativamente atenuada, e a mestiçagem se configura como um caracol cuja excreção não se elimina, mas se transforma na essência ambulante da própria morada.

Referências bibliográficas

- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. A guerra faliu. In: _____. *Toda crônica: 1890-1919*. Edição de Beatriz Resende e Rachel Teixeira Valença. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- _____. Elogio do Amigo. *A.B.C.*, Rio de Janeiro, 5 ago. 1922.
- _____. *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.
- _____. BASTIDE, Roger. Le symbolisme brésilien. *Mercur de France*, Paris. n.1083, p. 516-519, nov. 1953.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil, 1900*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2004.
- CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Nestor Vitor: um intelectual e as ideias do seu tempo, 1890-1930*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- FERREIRA, Monalisa Valente. *A voz dissonante e simbólica de Nestor Vitor*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/v00005.htm>>.
- GROSSI, Verónica. Paris, de Nestor Vitor: la construcción textual e imaginaria de una modernidad periférica (la del Brasil de la Belle Epoque, 1898-1914). *Torre de Papel*, [S.l.]. v. 3, n.3, p. 71-84, 2. semestre 1993.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Primeiros estudos*. Rio de Janeiro: Agir, 1948. p. 307
- LINS, Vera. *Os sentidos da viagem*. Rio de Janeiro, 18 jun. 1999. Texto apresentado no Seminário Viajantes, Visitas e Encontros: Interpretações do Brasil, promovido pela Fiocruz e Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/k-m/FCRB_Veralins_Sentidos-viagem.pdf>.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira*, v. 4: o Simbolismo. São Paulo: Cultrix, 1967.
- MURICY, José Cândido de Andrade. Da crítica do Simbolismo pelos simbolistas. *Crítica e História Literária*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA, 1., 1964, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1964. p. 235-266.
- _____. *Nestor Vitor: poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Agir, 1963. (Nossos Clássicos).
- _____. O elogio do amigo. In: _____. *O suave convívio*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922. p. 254-256.
- _____. *O símbolo: à sombra das Araucárias (memórias)*. [S.l.]: Conselho Federal de Cultura: Departamento de Assuntos Culturais, 1976.
- _____. *Panorama do simbolismo brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1978. v. 1.
- _____. Presença do simbolismo; A crítica simbolista. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A literatura no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Global Editora, 1999. v. 4.
- RIO, João do. Elogio do amigo. *A Pátria*, Rio de Janeiro, 12 dez. 1921.

ESCRITOS IV

SILVEIRA, Allan Valenza da. A crítica literária impressionista no Brasil: bases teóricas da crítica de Nestor Vitor. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA, 7., 2008, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 1-9.

SOUSA, João da Cruz e. *Obra completa*. Organização de Andrade Muricy. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

VÍTOR, Nestor. *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Livraria do Instituto Profissional, 1898.

_____. Farias Brito; José de Alencar e Machado de Assis; O poeta negro. In: _____. *Obra crítica de Nestor Vitor*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte do Paraná, 1979, v. 1.

_____. Flor de manacá; Senzalas; Mau-olhado; Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá. In: _____. *Obra crítica de Nestor Vitor*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte do Paraná, 1979, v. 2.

_____. *Folhas que ficam: emoções e pensamentos*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1920.

_____. *O elogio do amigo*. São Paulo: Ed. Revista do Brasil, 1921.

_____. *Os de hoje*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1920.

_____. Os desplantados. *A Hora*, Rio de Janeiro: Garnier, 1901. p. 9-86.

_____. Para oeste nada de novo; Patrocínio Filho; Problema vital. In: _____. *Obra crítica de Nestor Vitor*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte do Paraná, 1979, v. 3.